

IMAGEM CORPORAL E NARCISISMO NA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE DE GÊNERO

Luís Alberto Gustavo Niemies Jeremias¹

Alexandra Arnold Rodrigues²

INTRODUÇÃO

A demanda na prática clínica tem fomentado discussões sobre o papel da psicologia e da psicanálise frente às questões de gênero, entendidas como construções socioculturais que, mesmo no atual contexto histórico, ainda estão marcadas por uma visão de homem patriarcal e heteronormativa, propagada por discursos que reforçam a violência e o preconceito.

No que tange as questões de gênero, fez-se possível, por meio de um processo de revisão bibliográfica juntamente com uma análise qualitativa analítica do material teórico consultado e das teorias psicanalíticas, dialogando com os estudos atuais de gênero, analisar e identificar os processos envolvidos na construção de gênero, sua relação com o corpo e o narcisismo, localizando a relevância destas para a clínica contemporânea, propondo, assim, um olhar menos estereotipado que favoreça a compreensão de tais configurações como um processo narcísico singular, decorrente de um reconhecimento e acolhimento do desejo pessoal.

Para compreender a temática em questão, é importante considerar que a identidade decorre de uma íntima relação dos homens com seus corpos e com o meio que o circunda, sendo que a necessidade de uma imagem corporal vigente vem de encontro à problemática de gênero e a questão da identidade, pois ambas noções são construções resultantes do processo de apropriação de uma imagem corporal.

¹ Aluno do 9º período curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. Bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2015-2016). *E-mail*: luisjeremias@yahoo.com.br

² Doutora em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Professora e coordenadora do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. *E-mail*: alexandra.arnold@fae.edu

A psicanálise hoje vem apresentando maior preocupação com as questões de gênero, sendo a imagem corporal e o narcisismo atores no processo de uma construção de identidade de gênero em que esse narcisismo designa um amor por si mesmo podendo ser visto na teoria psicanalítica, desde Freud a Lacan e Dolto. Para esses dois últimos teóricos: o narcisismo tem sua origem no momento em que a criança capta sua imagem no espelho, imagem esta que, por sua vez, é baseada na do outro, mais particularmente na da mãe.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E DISCUSSÃO

É possível destacar que a psicanálise e os psicanalistas têm apresentado uma preocupação maior referente às questões de identidade de gênero na prática clínica, pois tem contribuído efetivamente para o conhecimento de uma lógica interna ao sujeito, em detrimento da patologização imediata, buscando aplicações a abordagens clínicas (GRAÑA, 2009, p. 244).

Freud percebeu a dificuldade em instaurar um paralelo entre o masculino/ativo e o feminino/passivo, em que podemos entender que por trás da atividade masculina nos confrontamos com a passividade feminina, sendo assim, ao chamar a atenção para a definição de **masculino** e **feminino**, Freud se mostra revolucionário, visto que, por essa compreensão, rejeita toda a amarra em uma realidade anatômica, colocando a significação deste masculino e feminino como resultantes de processos muito mais complexos do que as determinantes pulsionais (CECCARELLI, 2013). Freud nos apresenta em seu texto *O interesse da psicanálise para as ciências não psicológicas* (1913), quando de sua menção à biologia, posiciona que a masculinidade e a feminilidade:

se reduz na consideração psicológica às características da atividade e da passividade, ou seja, as qualidades que não devem ser atribuídas aos instintos mesmos, mas as suas metas. Na constante associação de tais instintos “ativos” e “passivos” na psique se reflete a bissexualidade dos indivíduos, que é um dos postulados da psicanálise (FREUD, 2012, p. 352).

A expressão “identidade de gênero” foi introduzida na literatura psicológica pela psicóloga americana Evelyn Hooker, sendo retomada posteriormente por Stoller (1968) em sua obra *Sex and Gender*, onde cria a noção de “*core gender identity*”, ou seja, o núcleo de identidade de gênero: “o sentimento de ser macho ou fêmea que é firmemente estabelecido por volta do segundo ano ou do decorrer do terceiro ano de vida, enquanto a identidade de gênero é o sentimento de ser masculino ou feminino, e se enriquece, se diversifica-se durante toda a vida” (CHILAND, 2008, p. 20).

Judith Butler, filósofa pós-estruturalista e teórica contemporânea das questões de gênero, problematiza a diferença entre sexo e gênero e a perspectiva de que o gênero é culturalmente construído. Para ela, **gênero** corresponde aos significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, que não assumem, porém, uma inscrição cultural de significado previamente dado. Dessa forma, gênero não é em si resultado de um sexo biológico nem se apresenta fixo, mas surge também como discurso, se pondo como destino pelo viés da cultura e não da biologia (BUTLER, 2003), sendo ainda a identidade de gênero proposta como uma resposta à repressão social, uma repressão que se mostra significativa na formação da identidade, de forma que limites de gêneros rígidos trazem ocultos a perda de um amor original, não reconhecido e não resolvido (SALIH, 2012).

Para a psicanálise, a imagem corporal vem se apresentar como um dos caminhos de acesso ao inconsciente, pois o corpo que interessa a ela não é um corpo orgânico (BASTOS, 1998), mas sim um corpo vivo, amado ou rejeitado; tal como é inscrito em nossa história e como foi envolvido pelas trocas afetivas, sensuais e inconscientes com o outro. Quando falamos em imagem na psicanálise, falamos de uma “imagem como um duplo visual da aparência do corpo; um duplo mental das sensações corporais; e um duplo em ato das emoções inconscientes” (NASIO, 2008, p. 74) que se apresentam com quatro formas de viver esse corpo: sentindo-o (imagem mental), vendo-o (imagem especular), sendo superado por ele (imagem-ação) e nomeando-o (imagem nominativa), ou seja, estamos falando de um corpo tal como vivemos, interpretamos e como o fantasiemos (NASIO, 2008).

Françoise Dolto nos apresenta um processo chamado de “imagem inconsciente do corpo” quando, em um primeiro momento, a criança fica fascinada por seu duplo refletido no espelho, e, em um segundo momento, percebe que o reflexo que o espelho lhe devolve não é ela, senão uma defasagem entre a irrealidade de sua imagem e a realidade de sua pessoa, gerando um sofrimento, assim a criança fica “desencantada ao saber que o que acreditava ser ela não passa, na verdade de uma aparência de si” (NASIO, 2008, p. 20), uma confrontação do real com a imagem especular (DOLTO; NASIO, 1992), pois neste momento passa a perceber que o outro não tem acesso a sua imagem interna e sim ao que ela dá ao ver ao outro, esquecendo este lado interno e se dedicando ao lado de fora: “Essa ferida irremediável da experiência do espelho pode ser chamada de furo simbólico, de onde decorre, para nós todos, a inadaptação da imagem do corpo e do esquema corporal” (DOLTO; NASIO, 1992, p. 40).

Em seus escritos, Lacan denomina o que podemos entender como “estádio do espelho”, que pode ser compreendido como uma identificação, uma “transformação produzida no sujeito ao assumir uma imagem” (LACAN, 1998, p. 97), sendo que essa imagem especular parece ser o limiar do mundo visível, sendo possível que esse

organismo estabeleça uma relação de sua imagem com a sua realidade (LACAN, 1998), vivido como uma dialética temporal, entre a alienação e a subjetivação (BASTOS, 1998), se projetando decisivamente na história do sujeito:

o estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se na insuficiência para a antecipação, e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade (LACAN, 1998, p. 100).

Alcançando nesta totalidade e tomando conhecimento de si como entidade (BASTOS, 1998).

Até o estágio do espelho, esse corpo se apresenta fragmentado, despedaçado, de modo que o reconhecimento deste “é de fora para dentro, por meio da visão parcial de seu próprio corpo e dos dizeres acerca deste vindos de outras pessoas” (SEVERO; ANDRADE, 2010, p. 451).

A imagem corporal se apresenta permanentemente em construção e vai se consolidando ao longo da vida, se desenvolve e se regenera, ou seja, é incessantemente renovada, não sendo apenas uma representação consciente do corpo, mas inconsciente e evolutiva: “sobretudo geradora de modificações corporais” (NASIO, 2008, p. 111). Vivemos num processo contínuo de transformação que é possível pelas experiências adquiridas na relação com o outro, em que “o humano vivo é corporeidade encarnada” (KOLYNIK, 2005, p. 338).

Para Robert Stoller (2014), a situação edípica é um ponto crucial do desenvolvimento sexual e propõe uma reorganização do complexo de Édipo, invertendo a hipótese de Freud, no qual a masculinidade seria um estado natural e onde a feminilidade nasce do desespero psicológico de se libertar de uma feminilização. Stoller (2014) coloca a feminilidade como primeiro estado de gênero e não a masculinidade, principalmente para os meninos, em que o amor materno traz ao menino um impedimento de maior grandeza rumo à heterossexualidade. Ou seja: “ele terá que se livrar de qualquer vestígio de feminilidade que possa vir a ter desenvolvido durante a fase de simbiose mãe-bebê” (STOLLER, 2014, p. 44) para somente em um estágio posterior unir a mãe como objeto separado e desejável da situação edípica clássica, pois a mãe força uma forma exagerada de intimidade com o filho, isso podendo servir como obstáculo tanto na escolha objetual como no processo identificatório, sugerindo ainda um estado de feminilidade primária para ambos sexos, nominada de “protofeminilidade”. Neste caso, o conteúdo da masculinidade representa a necessidade da masculinidade superar a identificação feminina primária, sendo considerada a primeira fase na vida de uma criança (PERSON; OVESEY, 1999).

2 METODOLOGIA

A metodologia adotada para esta investigação parte da pesquisa bibliográfica e qualitativa, que permite ao pesquisador analisar os conteúdos já desenvolvidos sobre o assunto e uma cobertura dos fenômenos decorrentes desta, permitindo a análise das contribuições de diversos autores sobre o tema. Partir de um processo investigativo de caráter bibliográfico, buscando autores contemporâneos tanto do campo filosófico quanto da psicologia.

No campo de pesquisa da psicologia há uma busca constante em novas formas que legitimem a coleta empírica de dados, passando a compreender a pesquisa qualitativa como um processo de construção que vem trazer dinamismo, em que a teoria está associada às hipóteses do pesquisador.

A epistemologia qualitativa pode ser vislumbrada como um empreendimento na obtenção de formas distintas de produção do conhecimento em psicologia que “permitam a criação teórica acerca da realidade plurideterminada, diferenciada, irregular, interativa e histórica que representa a subjetividade humana” (REY, 2005, p. 29), apoiada em três princípios: o conhecimento como uma produção construtiva-interpretativa, adquirindo caráter somatório de fatos gerados pela premência de dar sentido à subjetividade do sujeito em estudo; o segundo, entendido como caráter interativo do processo de produção do conhecimento, orientado à ressignificação dos processos comunicativos, o que enfatiza as relações pesquisador-pesquisado; e a terceira a significação, da singularidade como nível legítimo da produção do conhecimento, em que a individualidade vai adquirir significação subjetiva, levando esses três princípios a distintas formas de produção do conhecimento (REY, 2005, p. 29).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando pensamos na clínica psicanalítica em relação ao sofrimento decorrente da construção de uma identidade de gênero, é necessário partirmos do princípio de que a pessoa real do analista possui importância elevada, principalmente como “componente factual relevante da relação terapêutica a ser considerado para a evolução favorável do tratamento” (GRAÑA, 2009, p. 98).

Também é por meio da clínica psicanalítica que o sujeito que está em sofrimento terá a possibilidade, por meio da experiência do inconsciente, de se aproximar de sua singularidade (ROCHA, 2015), pois entre o Édipo e mais adiante do Édipo, entre a sexualidade, o sexo, o gênero e a pluralidade de identificações, entre as normas e

o que excede as normas instituídas no sujeito, nestas intercessões as subjetividades se constituem em uma colisão (FIORINI, 2010).

Não é possível que o discurso atual sobre gênero se restrinja às categorias de orientação sexual como heterossexualidades ou homossexualidades, mas deve ser um discurso que olha o sujeito em suas singularidades, portanto, que possui identidades sexuais singulares (FERRAZ, 2014) sendo que, para que possamos entender os sujeitos que estudamos, é necessário que tenhamos contato com a natureza de suas frustrações e de suas dores (STOLLER, 2014).

É possível que se faça um resgate de Butler (2003), em que o corpo não é dado como “ser”, mas é dado como o que tem algo a expressar, a dizer: “uma fronteira variável, uma superfície cuja permeabilidade é politicamente regulada, uma prática significativa dentro de um campo cultural de hierarquia do gênero e heterossexualidade compulsória” (BUTLER, 2003, p. 198).

A psicanálise tem que estar presente neste tempo em que vivemos, tem que estar presente nas questões de gênero, pois a demanda clínica mostra que os sujeitos tem algo a dizer, querem falar de seus corpos, querem até mesmo trabalhar o luto de um corpo desejado, pois precisam não enlouquecer neste corpo que estão inscritos.

REFERÊNCIAS

- AISEMBERG, E. R. Sexualidade identidade de gênero. **Revista de Psicoanálisis**, Buenos Aires, v. 55, n. 3, p. 691-698, 1998.
- ALMEIDA, G. 'Homens trans': novos matizes na aquarela das masculinidades? **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 513, ago. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200012>>. Acesso em: 5 maio 2015.
- ANDRADE, D. S. V.; SANTOS, H. M. (Org.). **Gênero na psicologia: articulações e discussões**. Salvador: Conselho Regional de Psicologia; Grupo de Trabalho Relações de Gênero e Psicologia, 2013.
- ARAN, M. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 49-63, jun. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982006000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 5 maio 2016.
- BASTOS, L. A. M. **Eu-corpando: o ego e o corpo m Freud**. São Paulo: Escuta, 1998.
- BORGES, S. N. **Metamorfoses do corpo**. Uma pedagogia freudiana. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.
- BURNES, E. M.; BERNARD, D. F. **Termos e conceitos psicanalíticos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CECCARELLI, P. R. **Transexualidades**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.
- CHILAND, C. **Transexualismo**. São Paulo: Loyola, 2008.
- CONNEL, R.; PEARSE, R. **Gênero: uma perspectiva global – compreendendo o gênero – da esfera pessoal à política – no mundo contemporâneo**. São Paulo: Versos, 2015.
- COSTA, G. P. **A clínica psicanalítica das psicopatologias contemporâneas**. 2. ed. São Paulo: Artmed, 2015.
- DOLTO, F.; NASIO, J. D. **A criança do espelho**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1992.
- FERRAZ, D. C. Prefácio. In: GARCIA, J. C. **Problemáticas da identidade sexual**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2014.
- FIORINI, L. G. Presentaciones cambiantes de la sexualidad. **Revista Uruguaya de Psicoanálisis**, Montevideo, n. 111, p. 44-53, 2010. Disponível em: <<http://www.apuruguay.org/apurevista/2010/16887247201011106.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2016.
- FIORINI, L. G.; ALKOMOMBRE, P.; GOLDSTEIN, M. Psicoanálisis y gênero: tensiones interdisciplinárias. In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE PSICOANÁLISIS, 26., 2002, Montevideo, **Anais...** Montevideo, 2002. Disponível em: <http://fepal.org/images/congreso2002/adultos/glocer_l__alkolo.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2016.
- FREUD, S. Interesse da psicanálise para as ciências não psicológicas. In: **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 11 v.

FREUD, S. Introdução ao narcisismo. In: **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 12 v.

_____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. São Paulo: Imago, 1997.

GRAÑA, R. B. **Transtornos de identidade de gênero na infância**. Itatiba: Casa do Psicólogo, 2009.

KOLYNIK, H. M. R. Uma abordagem psicossocial de corporeidade e identidade. **Integração**, n. 43, p. 337-345, out./dez. 2005.

LACAN, J. O estádio do espelho. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. **Dicionário de psicanálise**. 6. reimp. Buenos Aires: Paidós América, 2004.

McDOUGALL, J. Teoria sexual e psicanálise. In: CECARELLI, P. R. (Org.). **Diferenças sexuais**. São Paulo: Escuta, 1999.

NASIO, J. D. **Meu corpo e suas imagens**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.

NASIO, J. D.; DOLTO, F. **A criança do espelho**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1992.

PERSON, E.; OVERSEY, L. Teorias psicanalíticas da identidade de gênero. In: CECARELLI, P. R. (Org.). **Diferenças sexuais**. São Paulo: Escuta, 1999.

PETRY, A. L. **Migrações sexuais e de gênero**: experiências de mulheres transexuais. 2011. 186f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/31411/000782197.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 4 maio 2015.

PORCHAT, P. **Psicanálise e transexualismo**: desconstruindo gêneros e patologias com Judith Butler. Curitiba: Juruá, 2014.

REY, F. G. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

ROCHA, F. J. B. **Entrevistas preliminares em psicanálise**: incursões clínico-teóricas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.

ROUDINESCO, E. **Em defesa da psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010.

ROUDINESCO, E; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

SALIH, S. **Judith Butler e a teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SEVERO, P. W.; ANDRADE, M. A. O corpo e o gozo na constituição do sujeito. **Estilos clínicos**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 442-459, 2. sem. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282010000200011>. Acesso em: 14 ago. 2016.

SPITZ, R. A. **O não e o sim**. A gênese da comunicação humana. São Paulo: M. Fontes, 1998.

STOLLER, R. J. **Perversão**: a forma erótica do ódio. São Paulo: Hedra, 2014.